

O ANIMAL QUE VIU JESUS NASCER: O SIMBOLISMO DO ASNO NAS FONTES FRANCISCANAS

VISALLI, Angelita Marques
Universidade Estadual de Londrina

RESUMO: Nas Fontes Franciscanas, a presença de animais e o especial tratamento de Francisco de Assis (1182-1226) para com eles são bem demarcados, sendo estes identificados muitas vezes como *fratelli*, especialmente o asno. O asno nesta documentação é mais recorrente que outros animais referidos (a cotovia, o pombo, o porco, o lobo, o cordeiro, o cavalo). Identificamo-lo através de três temas (como cavalgadura, como personagem na representação do Natal e como adjetivo para o corpo) e a partir destes percebemos a identificação do asno com a opção franciscana de pobreza, participando de um processo de “presentificação” de Jesus, e encarnando, ainda, uma ambigüidade que o relaciona ao corpo que degrada e regenera o homem.

PALAVRAS-CHAVE: Francisco de Assis. Asno. Fontes Franciscanas.

ABSTRACT: In Franciscan Documentation the presence of animals and the special treatment that Francis of Assis (1182-1226) gives to them are too defined, the animals are several times identify as *fratelli*, specially the donkey. The donkey in this documentation is more common than the other animals (crested lark, pigeon, pig, lamb, horse). It is possible to identify the donkey by three themes (as mount, as character in the Christmas representation and as adjective for the body) and from these we can understand the identification of the donkey with the Franciscan poverty option, participating in a process of “presentification” of Jesus, and incorporating, still, an ambiguity that relates the body that degrades and regenerates the mankind.

KEYWORDS: Francis of Assis. Donkey. Franciscan Documentation.

Para o homem medieval os animais, além de fundamentais para a sobrevivência, foram referências importantes por indicarem modelos de comportamento. Certamente, a multiplicidade e complexidade das relações entre homens e animais ultrapassam esse período: “o animal pode ser recurso, companheiro, familiar, objeto de medo, pretexto de escárnio, vítima ritual, ser sagrado, símbolo social, presa de uma caça fortuita, espelho do homem...”(BARRAU, 1989, p. 225) Na tradição judaico-cristã estão subordinados ao homem, devendo servi-lo, sendo, também, incorporados ao simbolismo cristão e identificados a valores morais a serem reforçados e vícios a serem suprimidos.

A representação dos animais ainda se coloca como campo de estudo a ser desbravado. Certamente compreendemos História sempre no sentido humano e social. Apesar de compreendermos a importância das pesquisas sobre os animais, que além dos documentos impressos, beneficiam-se dos estudos arqueológicos, percebemos seu estudo no quadro dos valores, classificações e concepções dos homens, ao menos dos homens que os tiveram como objeto de reflexão, ou como merecedores de menção, seja pela sua referência direta ou simbólica.

A percepção da natureza e as relações entre os homens e a natureza refletem as relações dos homens entre si. No seio de cada conjunto social e cultural, o homem classifica e de boa vontade hierarquiza os elementos da sua biocenose em função de critérios ligados ao seu próprio sistema social (BARRAU, 1989, p. 226).

Pretendemos abordar a presença de animal específico, o asno, nas Fontes Franciscanas, compreendendo-as como o conjunto de biografias, crônicas e outros testemunhos de Francisco de Assis, entre os séculos XIII e XIV.

Os textos medievais que sobreviveram ao tempo e nos chegaram correspondem, em grande parte, a uma escrita erudita, baseada numa tradição clássica e bíblica. Diante de uma perspectiva de construção de conhecimento baseada na revelação e não na observação e análise, essa cultura letrada medieval desenvolveu no decorrer de séculos um saber pautado numa abordagem simbólica e alegórica. As enciclopédias medievais, como *As Etimologias* de Isidoro de Sevilha, no século VII, apresentam os animais normalmente neste sentido, baseando-se nos referenciais bíblicos e em outras fontes imaginárias. A partir do século XIII, a releitura sobre Aristóteles possibilitou um novo olhar sobre a natureza e isso se reflete nos textos enciclopédicos, onde os animais, além de referencial bíblico e Antigo, mítico e simbólico, são contemplados como observáveis, classificáveis.

Nas Fontes Franciscanas, a presença de animais e o especial tratamento de Francisco de Assis (1182-1226) para com eles são bem demarcados. A particularidade da importância dada aos animais, identificados tantas vezes como *fratelli*, é um dos pontos de constante atualização das atitudes do *poverello*, identificadas a uma perspectiva ecológica. No Brasil, a data comemorativa do santo é marcada pela benção de animais domésticos, por campanhas de adoção de animais abandonados, sendo identificado popularmente como seu “protetor”.

Em nosso mundo voltado para questões tão prementes como a sobrevivência humana no futuro frente à desenfreada exploração dos recursos naturais e campanhas para uma mudança de atitude frente à natureza, a identificação do santo com questões ecológicas se torna, no mínimo, compreensível. Consideramos pertinente nesse aspecto chamar a atenção para o caráter extraordinário que historiadores como Jacques Le Goff percebem no comportamento de Francisco de Assis, homem de seu tempo, sem dúvida, mas com atitudes que o elevam a categoria de personagem excepcional. Sua relação com meio ambiente pode nos apontar para esse caráter especial: a docilidade com as pedras quando as pisava, com as árvores que desejava não fossem completamente destruídas na procura de lenha, com as flores silvestres que desejava terem espaço protegido (LP,51; 2Cel,165; LM,IX,5; EP,118). Essa positividade do universo criado, contudo, não resultou de uma perspectiva filosófica, mas percebida em atitudes muitas vezes bastante teatralizadas e pueris. No trato com animais sua relação em vários momentos se apresenta distoante do ponto de vista padrão da tradição cristã e dos costumes. Este caráter de exceção, contudo, fundamenta-se numa proposta de vida que congrega elementos de uma tradição penitencial e valores da sociedade urbana e cultura leiga, somados, é claro, a uma apreensão particular do mundo, própria, individual.

O asno nas Fontes Franciscanas é mais recorrente que outros animais referidos: a cotovia, o pombo, o porco, o lobo, o cordeiro, o cavalo, o falcão, o faisão, o coelho, o cavalo. Identificamo-lo através de três temas: como cavalgadura, como personagem na representação do Natal e como adjetivo para o corpo.

Mais comumente identificado como cavagaldura, o asno vem responder à necessidade de montaria por parte do santo: diante da sua fragilidade física,

particularmente nos últimos anos de vida, e a insistência em viajar, Francisco de Assis usou asnos, não de um, particularmente, mas de diversos proprietários (em 1Cel, 2 vezes; 2Cel, 5 vezes; 2 vezes em 3Cel; 3Como, 1 vez; LM, 6 vezes; LP, 2 vezes; SP, 1 vez; Fior, 2 vezes; PSV, 1 vez). Nesse caso, cabe ressaltar sua recusa em andar a cavalo, montaria considerada mais indicada à nobreza. “À medida que a doença se agravava, mais dificuldade tinha em andar a pé. Servia-se, então, de um burro porque cavalo não queria montar, a não ser em caso urgente e de absoluta necessidade” (LP, 54).

Num episódio, particularmente, esta sensibilidade é demonstrada: naquele em que desmascarou os pensamentos de companheiro de viagem, franciscano, que enquanto Francisco viajava montado num asno, pensava na sua origem mais nobre, tendo, no entanto, que viajar a pé e conduzir o animal do *poverello*. O santo, “conhecendo” os pensamentos do companheiro de nobre origem, dirigiu-se a ele desculpando-se por sua ousadia: “Não, não é justo, irmão – ele disse – que eu vá montado e tu a pé, porque no mundo tu eras mais nobre e importante que eu” (2Cel, 31; LM, 8).

Claro que o frade percebeu sua mesquinhez e pediu desculpas a Francisco. Interessante é notar que este episódio, citado na Legenda Perusina, remete ao testemunho direto do frade no processo de canonização de Francisco (LP, 30.). Este tipo de recurso busca a legitimidade do discurso, necessária complementação que atesta o milagre, fenômeno que nos remete a um processo de santificação que precisaria ser comprovado. Compreendemos essa preocupação em atestar os fatos milagrosos no contexto da crescente monopolização da santificação pela igreja.

Sobre o lombo do animal era mesmo possível que o santo mergulhasse em contemplação a ponto de não perceber o trajeto percorrido ou as pessoas que o cercavam (2Cel, 98; LM, X, 2). Companheiro de viagem, o asno poderia ser identificado como “irmão”, “fratello”, expressão empregada a outros animais, reconhecidos como frutos da criação divina. Assim, ao ser advertido sobre a presença de lobos que poderiam atacar o asno que montava, ou mesmo agredi-lo, este é identificado como igual:

Nunca fiz qualquer mal ao lobo, para que ele devesse devorar nosso irmão asno. Fiquem tranquilos, meus filhos, e vivais no temor a Deus.’ E assim frei Francisco prosseguiu seu caminho sem defrontar-se com qualquer desventura. Este fato foi referido por um dos camponeses que esteve presente na ocasião (*Legenda de Passione Sancti Verecundi militis et martyris*, 3, 7).

Este episódio parece se vincular àquele tradicional do lobo de Gubbio, quando Francisco domesticou um que atacava animais e homens e estabeleceu com ele um tratado de paz, segundo o qual o animal receberia alimento diário da população da cidade, comprometendo-se a não atacar mais ninguém (Fior, 21). Sua transformação num animal dócil que adentrava nas casas para receber o alimento gentilmente dado por seus moradores tem muitas possibilidades de interpretação. Frisemos sua conformação como contraponto da urbanidade e materialização da violência. Signo do espaço selvagem que povoa as fábulas, que se mantém vivo no imaginário ocidental europeu, apesar de sua quase inexistência, o lobo encarna a violência e a força, contraponto da fragilidade e inocência que normalmente demarcam suas vítimas (aqui, o asno), encarnação perfeita para o contraste frente à paz pretendida.

No episódio do presépio de Greccio, é interessante que percebamos a preocupação em reconstruir o ambiente em que teria nascido Jesus: Francisco queria ver com os “olhos do corpo” a condição do nascimento, a circunstância de penúria em que o Mestre veio ao mundo. Assim, pediu a um nobre da região que providenciasse o feno, a vinda de um boi e de um asno para uma gruta na região de Greccio, onde seria comemorado o Natal. Não havia mais nenhum elemento. Vestido como diácono, Francisco cantou e proferiu algumas palavras sobre o acontecimento (1Cel 84, 85; LM, 10,7; 2Cel, 200; LP, 110).

Percebamos que a reconstituição do nascimento do Cristo não implicou a representação de todos os personagens. Os animais, o asno e o boi, foram trazidos para recriar o ambiente, numa construção teatral cuja força emotiva emerge da hagiografia. As personagens sagradas, contudo, não são representadas. Roland Recht, ao analisar a relação entre visível e invisível nos últimos séculos medievais e atestar a importância da “visibilidade” dos fenômenos para o período (expresso particularmente no desenvolvimento do ritual da sacração da hóstia), ressalta a importância do que denominou “doutrina” do santo de Assis nesse processo: “(este) quis restabelecer aos olhos dos homens a atualidade de duas realidades: aquela da eucaristia e aquela do Evangelho” (RECHT, R., 1999, p. 103). Francisco, em suas admoestações empregava largamente expressões que remetem ao sentido do olhar:

Mas também o Filho, sendo igual ao Pai, não pode ser visto por alguém de modo diferente que o Pai e o Espírito Santo. Por isso são réprobos todos aqueles que viram o Senhor Jesus Cristo em sua humanidade sem enxergá-lo segundo o espírito e a divindade e sem crer que Ele é o verdadeiro Filho de Deus. [...] E como (Ele) apareceu aos santos apóstolos em verdadeira carne, também a nós se nos mostra hoje no pão sagrado. É do mesmo modo que eles, enxergando sua carne não viam senão sua carne, contemplando-o, contudo, com seus olhos espirituais creram nele como no seu Senhor e Deus, assim também nós, vendo o pão e o vinho com os nossos olhos corporais, olhemos e creiamos firmemente que está presente o santíssimo corpo e sangue vivo e verdadeiro (Adm, 1,8-9; 19-20. Grifos nossos).

Francisco remete, assim, o cristão à condição de “testemunho ocular”: a presença de Cristo é demarcada e o cristão verdadeiramente deveria vê-lo. Esta insistência nos reporta à rejeição da humanidade de Cristo que caracterizou a heresia cátara e foi fortemente combatida pelos religiosos do período, o que se manifesta particularmente nas imagens e textos que reforçam a Encarnação de que o Presépio é claro exemplo. A adoção do termo “transsubstanciação” no Concílio de Latrão (1215) reflete este investimento na “presentificação”, na presença real, diferente da lembrança ou da substituição.

Nessa mesma esteira do desenvolvimento de uma concepção de “presentificação” por Francisco, segundo Roland Recht, o Evangelho foi tornado presente através da imitação “sem glosa”, como se estabelece no texto da Regra:

A Regra e a Vida dos frades menores é esta: observar o santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo em obediência, sem propriedade e em castidade (RB, 1).

E ordeno severamente sob obediência a todos os irmãos, clérigos e leigos, que não façam glosas à Regra nem a estas palavras [...] (Test, 12).

Francisco vinculou o aparecimento dos seus primeiros frades com a "revelação" de que deveria viver segundo a forma do Evangelho: "E depois que o Senhor me concedeu frades, ninguém me mostrou o que deveria fazer, mas o mesmo altíssimo me revelou que devia viver segundo a forma do Santo Evangelho. E eu fiz escrever com poucas palavras e com simplicidade" (Test, 14).

A forma como seus primeiros discípulos deixariam o "mundo" para segui-lo foi encontrada na abertura a esmo de uma página da Bíblia, confirmada por mais duas vezes pelo mesmo procedimento. Trata-se, segundo Théophile Desbonnets, de uma prática de *Sortes Sanctorum*, costume da religiosidade popular condenado em sete concílios, entre o de Vannes (465) e o de Treves (1310), em que ordinariamente era ouvida a missa e, após feita oração comum, era aberta a Bíblia ao acaso (DESBONNETS, 1987, 22-23). O caráter sobrenatural da resposta reforçou exatamente a iniciativa de buscar diretamente nos Evangelhos a fórmula de vida:

[...] que pela estrada não deviam levar nem ouro, nem prata, nem pão, nem bastão, nem calçados, nem roupas para mudar... Sem perder tempo, desembaraçou-se de tudo que possuía em dobro e, além disso, dos calçados, da sacola e do alforge. Confeccionou-se uma túnica pobre e grosseira e, no lugar da cinta de pele, cingiu os flancos com uma corda (3Comp, 25.Cf.1 Cel, 22; LM,3,1).

Ainda que esta leitura seja fruto de uma junção de textos evangélicos (Mateus, Marcos e Lucas), e não de um somente, importa-nos a posição de Francisco que a define como *sine glosa* e a sua vida como imitação de Jesus (presentificado em sua carne através dos estigmas). cremos que, nesse caso, a presentificação passa pela legitimação necessária a um modelo de vida fundado, parte no texto bíblico, parte numa perspectiva religiosa penitencial que traduz a emergência de uma cultura leiga no universo clerical.

A presença real em lugar da imitação que evoca pode, ainda, ser identificada no fenômeno registrado pela hagiografia no contexto do Presépio de Grécio: no ambiente do presépio de Grécio fez-se a presença do menino Jesus, quando o *poverello* se aproximou da mangedoura (LM, 10,7). A recriação do ambiente do nascimento de Jesus para que os "olhos" o vissem, possibilitou a sua presença real e milagrosa.

Passemos agora para o terceiro viés de referência ao asno nas fontes franciscanas, o de adjetivo para o corpo: "[...] chamava a seu corpo 'irmão asno', indicando ser necessário submetê-lo a trabalhos duros, frequentemente batê-lo e sustentá-lo com alimento ordinário" (LM, V, 6).

Seu contexto é, portando, o da domesticação do corpo numa perspectiva ascética. Francisco de Assis não fugiu a uma tradição de repressão ao corpo para elevar o espírito:

Deve-se prover o irmão corpo com discrição, para que não suscite uma tempestade de melancolia e, afim de que não lhe seja penoso velar e perseverar devotamente na oração, tire-se dele a ocasião de murmurar... Se, então, depois de haver consumido alimento suficiente, ainda assim resmungar, saiba que o jumento preguiçoso necessita de esporas e o asno enfatiado atende ao incentivo (2Cel, 129. Cf. LP, 96).

O corpo seria, então, tratado como o animal rebelde que precisaria ser domesticado para ser útil ao serviço (de Deus) e que, vez por outra, quando se recusasse a obedecer, necessitaria sentir a mão firme de quem o deveria dominar, a alma.

A domesticação seria realizada através da própria penitência física, mas esta deveria ser regulada para que seu fim pudesse ser alcançado. O que em muitos momentos recebeu e recebe a caracterização de *discretio* nos comportamentos e advertências de Francisco, fazia parte desse processo, afinal, não se propunha a fazer morrer o corpo, mas discipliná-lo.

Através da identificação do corpo como "inimigo", estabeleceu-se a rigidez do processo ascético tencionando colocá-lo sob o domínio da alma, ou seja, discipliná-lo a não mais desejar além do que lhe fosse necessário para subsistir e calar completamente o que não corresponderia à vida religiosa objetivada. Para Francisco, ao corpo era apazível cometer pecados porque suas vontades dirigiam-se às "baixas tendências dos sentidos" (LM, V,1). Os "inimigos visíveis e invisíveis" somente poderiam induzir o homem ao pecado se aliados ao - no dizer de Boaventura - "demônio de casa", o corpo: se este fosse mantido em estreita obediência à alma e constante vigilância desta, não haveria como acontecer o pecado. Assim, fosse para apagar em si o calor da concupiscência, fosse para sujeitar o "inimigo", Francisco costumava imergir num fosso de água gelada, em pleno inverno (1Cel, 42; LM, V,3).

Como indicam os filólogos Herrera e Carmona, na sua concepção de corpo, Francisco "dependeu" bastante dos textos de Paulo de Tarso, e deste o "menor" retirou "boas doses" de pessimismo em relação ao termo: o apóstolo várias vezes utilizou a expressão "corpus" no sentido de "carne", o "agente pecaminoso em luta constante contra o espírito" (HERRERA e CARMONA, 1985, p. 214).

Percebe-se a influência paulina, associando o "ódio" devido ao corpo a um "modo de ser e comportar-se" que seria contrário à "vontade" de Deus, denotando uma conotação não negativa para ele (IAMARRONE, G. 1993, p.10). Sendo assim, ser "prudente segundo a carne" significaria buscar a satisfação de suas próprias vontades, vontades estas ditadas pelo "egoísmo".

Tomemos um trecho em que Francisco identifica o próprio corpo ao asno:

[...] retira as vestes e se flagela com extrema dureza com um pedaço de corda: 'Eia, irmão asno - exclama - assim tu deves sujeitar-te, assim suporta o flagelo! A túnica é da Ordem, não é lícito apropriar-se indevidamente. Se queres ir a outro lugar, que se vá só (2Cel, 116).

A circunstância em que Francisco se reporta ao corpo como o asno seria o de uma investida de concupiscência enviada pelo Demônio, quando estava só em sua cela. A vinculação entre o animal e o pecado da luxúria não é estranha à cultura medieval.

Segundo Bakhtin, o asno é "um dos símbolos mais antigos e mais vivos do 'baixo' material e corporal". No contexto do cristianismo, lembremos de uma das primeiras representações de crucificação, no grafite do Palatino, do século III, onde se identifica a imagem de homem crucificado com cabeça de asno, tendo à sua esquerda um homem que levanta as mãos em sua direção e abaixo uma inscrição em grego ("Alexamenos adora a seu Deus"). Se nesta a interpretação do tom pejorativo é mais corrente, grande parte das representações do asno para o período medieval refletem um princípio "degradante" e, ao mesmo tempo, "regenerador" (BAKHTIN, 1997, p. 67). Essa regeneração compreendia a valorização do "baixo material e corporal", como o que podemos depreender das festividades do asno nas cidades francesas, onde o asno

era o centro de um cortejo, devidamente paramentado, acompanhado por cânticos, envolvendo eclesiásticos.

Esse sentido de regeneração se aplica à perspectiva dada por Francisco ao corpo: para ele o corpo-asno seria a porção material do homem, a que simplesmente deseja o que lhe poderia trazer satisfação imediata através dos sentidos, que se degradaria nos prazeres-pecados, condenando consigo a alma a não usufruir da vida eterna. Mas se era matéria, corruptível, naturalmente contrária à lógica que existiria na abstinência e decorrente salvação, deveria ser disciplinada e aprender, como um animal útil, a obedecer aos comandos superiores da alma.

Se na Antiguidade percebe-se uma “renúncia” ao corpo e a rejeição da sexualidade através de uma filosofia moral ainda no século II, como demonstraram Michel Foucault e Paul Veyne, o Medieval foi responsável pela identificação entre pecado original e pecado sexual, herança de uma valorização exacerbada da virgindade e da castidade no meio ascético. A experiência penitencial, particularmente a identificável aos monges previa um afastamento do mundo que implicava do controle sobre a alimentação e sexualidade, mas esta tendia a se restringir. Na esteira dos movimentos religiosos dos séculos XII e XIII, vê-se se disseminar um discurso de rigorismo moral proveniente da Reforma Gregoriana. Esta, preconizando uma fronteira mais rígida entre clérigos e leigos, definiu-os pela sexualidade, passando a exigir de todo corpo clerical a pureza necessária para o trato com as questões sagradas, o que foi de encontro à comum prática do concubinato.

Francisco de Assis esteve exposto a este ambiente de efervescência religiosa e rigorismo moral, mas antes de se converter, era bem adaptado aos folguedos de uma companhia de jovens em Assis:

A companhia dos jovens de Assis, que há um tempo o havia tido como líder de seu estouvamento, começou novamente a convidá-lo para os banquetes, nos quais se permite sempre a excessos e vulgaridades. Elegeram-no rei da festa, porque sabiam por experiência que, na sua generosidade, saldaria as despesas por todos. Fizeram-se seus súditos para fartarem-se e aceitaram obedecer para saciarem-se [...] Preparou um suntuoso banquete com abundância de alimentos deliciosos: quando estavam fartos até o vômito, desandaram pelas praças da cidade contaminando-as com as suas canções de bêbados.

“Francisco os seguia, tendo na mão o cetro, como senhor” (2Cel,7).

A liberalidade, portanto, contrastou com a opção rígida da prática penitencial. Em lugar do ingresso numa ordem tradicional ou no clero regular, Francisco de Assis adotou a penitência voluntária. Segundo a "Legenda dos Três Companheiros" e o "Anônimo Perusino", quando questionados sobre sua origem, os primeiros membros da comunidade franciscana respondiam serem "penitentes de Assis" (3Comp,37; AP,.5,19). O despertar religioso do *poverello* levou-o à adoção de uma forma bastante conhecida de vivência religiosa em meio a um laicado de origem modesta economicamente: fez-se penitente e doou-se a obras caritativas, para surpresa dos que o cercavam, principalmente da família, mas em sintonia com os movimentos religiosos de então.

A identificação do corpo e com o asno foi bastante sugestiva de seu conceito sobre o primeiro: animal utilizado como besta de carga, montaria desprovida de nobreza (os nobres utilizavam cavalos), cercado de uma simbologia que o atrelava a esse "baixo material e corporal" que tomamos de empréstimo de Bakhtin, servindo para identificar,

no corpo, "os órgãos genitais, o ventre e o traseiro". Assim, quando do ataque do demônio sob a forma de luxúria, como citado acima, Francisco denomina seu corpo como asno, macera-o com chicotadas e mergulha despido na neve. Contudo, não foi através da penitência física que a tentação foi afastada, mas sim quando fez sete bolas de neve e disse a seu "corpo":

Essa maior é tua mulher, essas outras quatro são teus dois filhos e duas filhas, as outras duas são o servo e a criada que precisas para o teu serviço. Trata de vestir a todos, que estão morrendo de frio. Mas se te é molesto todo esse cuidado por eles, serve com solicitude a Deus somente (2Cel, 117).

Creemos que a identificação do corpo como asno não se restringe a uma percepção ascética. Haveria ainda o "aspecto cósmico" de sua associação com a terra, "princípio de absorção (túmulo, ventre) e, ao mesmo tempo, de nascimento e ressurreição (o seio materno)" (BAKHTIN, 1987, p. 18-19).

Degradar significa entrar em comunhão com a vida da parte inferior do corpo, a do ventre e dos órgãos genitais, e portanto com atos como o coito, a concepção, a gravidez, o parto, a absorção de alimentos e a satisfação de necessidades naturais. A degradação cava o túmulo corporal para dar lugar a um novo nascimento. E por isso não tem somente um valor destrutivo, mas também um positivo, regenerador [...] (BAKHTIN, 1987, p. 19).

Nesse contexto, encontramos o significado da penitência vinculada ao esterco de asno: assim como este é vinculado ao dinheiro que deve ser rejeitado (2Cel, 65; SP, 14, 3Comp, 45), também é assimilado à regeneração penitencial, quando um frei fez ofensas a outro e como penitência tomou o esterco e o mastigou (2Cel, 155; SP, 51)

Esse caráter ambíguo do asno para Francisco, animal vinculado ao que deve ser reprimido e também princípio regenerador, adequa-se bem à sua percepção de corpo. Assim como a cavalgadura que obedece aos comandos deveria ser acolhida e alçada à condição de *fratella*, o corpo obediente e fragilizado poderia ter atendidas suas vontades. Temos, assim, um santo que tem nas suas hagiografias pequenos milagres (não no sentido da dimensão, mas por serem cotidianos e domésticos) que revelam a comiseração pelo corpo-asno, através da satisfação de alguns prazeres degustativos: assim, a água foi transformada em vinho para que Francisco satisfizesse uma vontade especial de bebê-lo:

Certo dia, encontrando-se gravemente doente no eremitério de Santo Urbano e sentindo as forças o abandonar, pediu vinho para beber. Como não houvesse em casa nenhuma gota, mandou vir água. Fez sobre ela o sinal-da-cruz e aquilo que até então era só água pura transformou-se em delicioso vinho (LM, 5,10; 1Cel, 61;3Cel,17).

Milagres domésticos ainda possibilitaram que peixes já prontos para comer fossem entregues à sua porta, logo após manifestar sua vontade de comê-los, apesar de estarem fora da estação (LP, 29), ou ainda que o aipo solicitado ao cozinheiro da ordem tenha sido facilmente encontrado em meio às outras ervas na escuridão noturna:

Vai, meu irmão, e para não te dar trabalho, traze as primeiras ervas em que puseres a mãos. O frade foi à horta, arrancou as primeiras ervas que encontrou, sem

enxergar [...] encontraram entre elas um aipo folhudo e tenro. O santo comeu um pouquinho e ficou muito confortado (2Cel, 51, SP, 47).

O mais interessante destes “milagres domésticos” certamente é aquele em que, já em seu leito de morte, pediu a presença de sua amiga Jacoba de Setteloli e que esta lhe trouxesse, além dos paramentos necessários para seu sepultamento, alguns docinhos feitos à base de amêndoas, mel e outros ingredientes pelos quais tinha especial apreço: “Pedi-lhe sobretudo que vos mande o pano para uma túnica, daquele pano religioso cinzento que fazem os cistencienses nas regiões de além-mar; mande também daquele doce que me preparou tantas vezes, quando eu ia a Roma (LP, 101).

Não há como nos passar despercebida a puerilidade de tal pedido: um homem que já tinha seu corpo disputado como futura relíquia, cujos objetos pessoais já eram considerados miraculosos, registrou, como um de seus últimos pedidos, alguns docinhos de amêndoas (VISALLI, 2003, p.125).

Esses milagres ocorreram quando as doenças haviam desgastado muito seu organismo, males abundantemente descritos nas fontes, principalmente concernentes aos olhos e estômago.¹ A sua fragilidade, então, implicaria em sujeição e a condescendência demonstrada nos remete à concepção de pobreza franciscana. A pobreza foi um dos princípios basilares da sua forma de vida, mas esta ultrapassava um sentido econômico. A designação de “irmãos menores” não significaria somente “pobres”, coletivamente e individualmente, mas “despossuídos” de poder, entregues à força dos homens e da graça de Deus (MOLLAT, 1989, p.5). Nesta categoria, se encontrariam os animais, as pedras e seu corpo.

Na sua vida religiosa como penitente, Francisco pôde traçar um paralelo entre esta e as situações dos animais que, como ele e seus primeiros frades, deveriam esmolar alimentos, trabalhar sem esperar recompensa e estariam sujeitos aos maus tratos sem, no entanto, acumularem rancores ou mal-estar por isso: os animais seriam exemplos porque naturalmente executavam o que para ele e seus frades somente seria atingido através de “profunda conversão” e “dura adaptação” (CARDINI, 1989, p.239), para o que os exercícios ascéticos e a vigilância sobre o corpo cumpriram papel fundamental.

Se a presença do boi e do asno no nascimento de Cristo, interpretação que a princípio identificamos como generalizada a partir do texto de abertura do Livro de Isaías (“O boi conhece o seu possuidor, e o jumento a manjedoura do seu dono”, *Isaías*, 1,3), sua representação, particularmente a do asno, que nos interessa, vincula-se a essa valorização do menor, do mais degradante, do simples que participa da sublimidade do nascimento de Jesus. O desejo de abundância na “festa das festas”, o Natal (ele pediu que aqueles que pudessem, distribuíssem alimentos) não se restringiu, em Francisco, aos homens pobres, mas aos “pobres” bois, asnos (testemunhas do nascimento de Cristo, em seu presépio), a todas as aves, particularmente as cotovias, em que reconheceu os atributos que deveriam caracterizar um “frade menor”: a humildade em procurar alimento de lugar em lugar (mesmo em meio ao esterco), a sua plumagem discreta, o vôo, desprezando a terra e privilegiando o céu (LP,110; LM,XIV,6; EP,113-114; 2Cel,200).

A docilidade com as pedras quando as pisava, com as árvores que desejava não fossem completamente destruídas na procura de lenha, com as flores silvestres que desejava terem espaço protegido (LP,51; 2Cel,165; LM,IX,5; EP,118) e outras

¹ A exemplo de 1Cel, 3,5,52,56,61,98,105,107.

manifestações de cuidado com elementos da natureza basearam-se na sua percepção de que todos eram frutos da criação divina e que estavam à mercê de circunstâncias externas a eles próprios para sobreviver, em tudo dependendo da "graça". Nesses termos, ao corpo seria dedicado o cuidado carinhoso de "irmão" quando este se mostrasse também um "menor", ou seja, quando não mais possuísse "poder", demonstrando-se sujeito às condições que se fizessem necessárias para atender a vontade divina sem reclamações, sem a insistência da vontade de satisfazer vontades, como um asno, mas entrando em sintonia com os desejos da alma, esta sabedora de que também no sofrimento estaria um sinal da "predileção" e "bondade" de Deus.

Necessário se faz perceber que a primazia da alma em relação ao corpo perpassa de tal modo nossa herança cultural que se perpetua na produção de conhecimento, tornando-a hierárquica e valorativa ao priorizar os "significados que são mentais" sobre as questões "puramente materiais, corpóreas e sensuais" (BURKE, 1992, p. 292).

Por um lado, os componentes clássicos, e por outro, os judaico-cristãos, de nossa herança cultural, avançaram ambos para uma visão fundamentalmente dualista do homem, entendida como uma aliança muitas vezes ansiosa da mente e do corpo, da psique e do soma; e ambas as tradições, em seus caminhos diferentes e por razões diferentes, elevaram a mente ou a alma e denegriram o corpo (BURKE, 1992, p. 292).

Deste modo na historiografia, as questões referentes ao estudo do corpo tomam, ainda, posição marginal. Falar sobre o corpo parece remeter o homem a uma discussão menor e nos aproxima das ambigüidades evidenciadas por Francisco de Assis. Suas manifestações de cuidado e respeito com elementos da natureza se baseavam na sua percepção de que todos eram frutos da criação divina e que estavam à mercê de circunstâncias externas a eles próprios para existir, em tudo dependendo da "graça" (VISALLI, 2003, p. 161). O corpo se apresentaria do mesmo modo, após o processo de domesticação e o animal asno encarna esta condescendência e suspeita. "Animal simbólico, o homem, ao imaginar o seu universo, pôde conceber-se como distinto da natureza e crê-se feito à imagem de Deus: o animal manteve-se sempre presente para lhe recordar a pertença à natureza" (BARRAU, 1989, p. 238).

O asno, com sua capacidade de remontar ao rebaixamento material e sujeição a outros, com sua carga simbólica marcada pela ambigüidade, poderia traduzir os anseios de pobreza e identificação com os mais desprovidos, assim como reforçar a simplicidade como o caminho para a aproximação de Jesus.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **A Cultura Popular na Idade Média** - o contexto de François Rabelais. Brasília: UnB, 1987.

BARRAU, Jacques. Animal. In: ROMANO, R. (Dir.). **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Casa da Moeda, 1989, vol. 6 (Homo-Domesticação-Cultura Material).

- BASCHET, J. **A civilização feudal** – do ano mil à colonização da América. São Paulo: Globo, 2006.
- BURKE, P. **A escrita da história** – novas perspectivas. Assis: Unesp, 1992.
- CARDINI, F. **Francesco d'Assisi**. Milano: Arnaldo Mondadori Editore, 1989.
- CAROLLI, E. (Org.). **Scritti e biografie de San Francesco D' Assisi**. Padova: Messaggero, 1993.
- IAMARRONE, G. Corpo. In: CAROLLI, E. (Org.). **Dicionário Franciscano**. Petrópolis: Vozes/CEFEPAL, 1993.
- DESBONNETS, T. **Da intuição à intuição**. Petrópolis: Vozes/CEFEPAL, 1987.
- HERRERA, I. (OFM) & CARMONA, A. O. (OFM) **Los Escritos de San Francisco de Assis**. Múrsia: Editorial Espigas, 1985.
- LE GOFF, J. & TRUONG, N. **Uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- MOLLAT, M. Os Pobres na Idade Média. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1989.
- RECHT, R. **Le croire et le voir – l'art des cathédrales** (XIIe-Xve siècle). Paris: Gallimard, 1999.
- SILVEIRA, I. (OFM) & REIS, O. (Seleção e Organização). **São Francisco de Assis: Escritos e Biografias de São Francisco de Assis, Crônicas e outros Testemunhos do Primeiro Século Franciscano**. Petrópolis: Vozes/CEFEPAL, 1988.
- VISALLI, A. M. **O corpo no pensamento de Francisco de Assis**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Curitiba: Faculdade São Boaventura, 2003.

SIGLAS E ABREVIATURAS

- AP - Anônimo Perusino
- 1Cel - Vida I, de Tomás de Celano
- 2Cel - Vida II, de Tomás de Celano
- 3Comp - Legenda dos Três Companheiros
- EP - Espelho da Perfeição
- LM - Legenda Maior, de São Boaventura
- LP - Legenda Perusina
- Escritos de Francisco de Assis:
- Adm - Admoestações
- Test - Testamento
- RB - Regra Bulada